

WELTLITERATUR: o conceito e sua "Filologia" ¹

João Cezar de Castro Rocha [UERJ] – Stanford

<i>RESUMO</i>	<i>Estudo crítico do conceito Weltliteratur.</i>		
<i>palavras-chaves</i>	<i>filosofia</i>	<i>literatura comparada</i>	<i>romantismo</i>

I

Devido ao limite de tempo para a apresentação deste trabalho, restringirei minha exposição a uma revisão sumária do conceito de *Weltliteratur*, ao mesmo tempo em que sugerirei aspectos importantes para uma análise de sua filologia. Ao mencionar filologia, emprego o termo no sentido muito especial adotado por Erich Auerbach em "Philologie der Weltliteratur".

Principio por um pressuposto que deve ser aceito em sua generalidade, ao menos como uma hipótese de trabalho para que se estabeleça o pano de fundo a partir do qual, e também contra o qual, o conceito de *Weltliteratur* deverá assumir contornos próprios e terá seus limites mais bem estabelecidos. Para tanto, recorro as palavras iniciais de M. Abrams em *The Mirror and the Lamp*:

Articular e responder questões estéticas em termos da relação da arte com o artista ou em termos das características intrínsecas da obra de arte, em lugar de recorrer à natureza externa ou ao público (...) é um ponto de vista muito recente se o compararmos aos 2.500 anos de teoria da arte no Ocidente. ²

Posso, agora, enunciar o pressuposto que mencionei e no qual me baseio. O Romantismo, entre muitos outros aspectos que não poderei mencionar, com seu culto à originalidade, tanto de um autor individual quanto

de um *Volksgeist*, e seu conseqüente privilégio da noção de uma subjetividade-em-si, provocou um dilema epistemológico que interessa especialmente à perspectiva que estarei discutindo.

A leitura dos textos que constituem o que hoje denominamos “arte poética” sugere que a necessidade de desenvolver um método comparativo não participava do horizonte de preocupações dos preceptistas clássicos. Afinal, ante a normatividade das regras e, portanto, ante a comunhão dos procedimentos julgados não apenas adequados, mas imutáveis, a atividade relevante não poderia ser a comparação, porém o julgamento do emprego apropriado dos modelos consagrados.³ Uma vez que “os antigos nunca conceberam esta *relatividade* de toda literatura [pois] esta foi, antes de tudo, aos seus olhos, a expressão das idéias mais gerais, mais permanentes”⁴, igualmente a noção de diferença não podia assumir o papel de protagonista em seu teatro de representações. Antes de prosseguir, e para tornar meu argumento mais claro, proponho a seguinte definição do método comparativo: *Indiferença à diferença que, no entanto, é fundamental ao método comparativo.*⁵ O ato comparativo supõe o privilégio da diferença a partir do qual a própria comparação se torna possível e, em alguns casos, necessária. Contudo, se a diferença atingir proporções que ultrapassem uma medida comum, então, não apenas a comparação torna-se inviável, mas a própria base comunicativa é ameaçada. Por exemplo, o conceito desenvolvido por Jean-François Lyotard como “diferendo” diz respeito precisamente a um esgarçamento radical entre dois sistemas de referência, cujo resultado último não pode senão conduzir a uma surdez recíproca.

Pretendo relacionar o pressuposto geral no qual me baseio à questão do método comparativo e demonstrar como o conceito de *Weltliteratur* apenas (re) adquire seu caráter problemático neste contexto. Para tanto, proponho a seguinte associação: o Romantismo trouxe à ordem do dia o método comparativo, pois seu elogio à subjetividade implicava a produção sistemática de diferenças. Poderia explicitar ainda mais esta observação, assim como aduzir exemplos dos textos “fundadores” da disciplina.⁶No entanto, e não apenas em virtude do tempo de que disponho, prefiro passar à leitura de textos nos quais Goethe criou e, de certo modo, sistematizou o conceito de *Weltliteratur*.

II

O termo *Weltliteratur* foi cunhado por Goethe numa carta enviada a Eckermann em 31 de janeiro de 1827. A partir de então, Goethe retornou ao tema em muitas ocasiões, tanto em cartas privadas quanto em artigos para jornais de grande circulação. No interesse da filologia que esboço,

seleciono passagens onde a tensão dos elementos que constituem o centro da preocupação de Goethe vem à superfície:

A idéia de literatura nacional perdeu importância: é chegada a hora da Weltliteratur, e todos devem auxiliar sua emergência.

Em todos os lugares lemos e escutamos sobre o progresso da humanidade e prognósticos positivos sobre o futuro das relações entre homens e nações (...) e, para meus amigos, eu gostaria de esclarecer que estou convencido da emergência de uma Weltliteratur, na qual um lugar de honra está reservado a nós, alemães.

Cada nação possui idiossincrasias que a diferenciam de outras e fazem com que ela se sinta isolada, atraída ou repelida por estas outras nações.

[O sentimento que constitui a Weltliteratur] pode ser alcançado em parte pela leitura de jornais [estrangeiros] que reportem assuntos políticos em detalhes. Mas ainda não é suficiente. Devemos também descobrir as atitudes e as opiniões, assim como os juízos e os pontos de vista que jornais e revistas expressam em relação aos nossos próprios países, sobretudo opiniões expressas sobre a Alemanha. (...) Ainda mais útil, talvez, sejam os jornais e revistas publicados com maior frequência, como Le Globe, La Revue Française e o diário Le Temps, de publicação recente. (...)

O fenômeno que denomino Weltliteratur será um fato sobretudo quando as disputas entre as nações puderem ser resolvidas a partir das opiniões e juízos de outras nações.

Há algum tempo escutam-se conversas sobre Weltliteratur. Elas são apropriadas. Afinal, é claro que todas as nações forçadas a reunirem-se casualmente em guerras terríveis, para depois retornarem ao seu status de nação individual, não podiam compreender as influências externas a que eram submetidas. No entanto, ao assimilarem estas influências, as nações tornaram-se conscientes de necessidades intelectuais previamente desconhecidas. O resultado foi um sentimento geral de boa-vontade. Em lugar de buscar a situação anterior de isolamento, a mentalidade das nações gradualmente desenvolveu um desejo de inclusão nesta livre troca de idéias.⁷

III

Pretendo, agora, propor algumas considerações a partir do texto de Goethe. O primeiro ponto diz respeito à complexidade do conceito. Reconheço que este ponto soa óbvio e, portanto, desnecessário. No entanto, os críticos contemporâneos não hesitam em reduzir o conceito de *Weltliteratur* a uma de suas faces, isto é, à pulsão nacionalista. Tal análise revela-se simplesmente anacrônica, além de pouco produtiva. Sem dúvida, o paradoxo maior da articulação imaginada por Goethe reside na impossibilidade de conciliar harmonicamente o elogio de um plano universal – *Welt* – com a afirmação radical de elementos particulares – o plano das literaturas nacionais. Este problema, contudo, encontrava-se no centro das preocupações de Goethe. Melhor do que muitos, ele compreendia a complexidade da questão. O “insucesso” do conceito menos se deve a um romantismo ingênuo do que a uma tentativa de equacionar os elementos de uma fórmula inviável⁸. A melhor maneira de superar esta crítica simplista do conceito goetheano consiste em enfrentar a dificuldade da tradução do termo.

Em geral, traduz-se *Weltliteratur* como “literatura universal”. Esta opção, contudo, reflete uma compreensão inadequada do conceito, pois, *retrospectivamente determinada, negligencia o caráter eminentemente prospectivo do conceito*. Goethe não estava descrevendo um resultado, ao contrário, ele buscava compreender um processo em curso, ao mesmo tempo em que procurava orientá-lo a partir do peso incontestável de sua autoridade intelectual. No entanto, em 1827, qualquer conceito apenas poderia assumir um caráter prospectivo. O problema de boa parte das análises contemporâneas refere-se ao anacronismo, este sim ingênuo, de confundir o resultado que *hoje* conhecemos deste processo e a formulação que Goethe imaginou pela primeira vez em sua carta a Eckermann.

Este é o motivo pelo qual a tradução “literatura universal” revela-se inadequada, pois ela não expressa a complexidade original do conceito. “Literatura universal” apenas sublinha um *possível* resultado. Sobretudo, e espero que as passagens que seleccionei o tenham demonstrado, *Weltliteratur* não supõe que as diferenças entre as nações sejam canceladas numa forma padronizada de comunicação, logo, universal *a priori*. Tal leitura revela uma incompreensão completa do problema enfrentado por Goethe. Para estimular a vitalidade do conceito, as diferenças entre as nações são indispensáveis, pois apenas a permanência e a visibilidade de elementos diversos permitiriam o jogo comparativo de uma determinada nação com as demais. O conceito de *Weltliteratur* privilegia o eixo das diferenças; não obstante o projeto goetheano aposte num concerto entre as nações cuja harmonia precisamente depende do efeito de contraste – diferenças como acordes contrapontísticos de uma mesma peça musical.

Maire e Edward Said, tradutores para o inglês do mencionado ensaio de Erich Auerbach, optaram por uma recurso radical: “Em nossa tradução (...) decidimos não verter *Weltliteratur*”. Esta solução, contudo, também denuncia uma incompreensão última do conceito. Afinal, ao menos se preservarmos a concepção goetheana, o diálogo recíproco das inúmeras idiossincrasias nacionais deveria engendrar um fluxo livre de idéias necessariamente capaz de surpreender equivalências entre conceitos e sentimentos. Neste caso, a “resistência à tradução” representa uma “resistência à teoria” implícita na proposta de Goethe.

Em termos ainda mais claros, cabe destacar que “literatura universal” é uma tradução inadequada porque apenas sublinha a semelhança, enquanto a manutenção do termo no original somente traz à superfície o problema oposto, pois tal escolha enfatiza uma diferença irreduzível a qualquer aproximação. O conceito de Goethe, e neste ponto sua extração romântica é inegável, pretende operar uma síntese entre as diferenças nacionais e o esperado concerto destas diferenças num plano comum, articulado ao redor do centro de gravidade constituído pela *Weltliteratur*.

Cláudio Guillén e Ellen e Ernest von Nardroff encontraram um recurso mais apropriado, traduzindo respectivamente *Weltliteratur* por “literatura del mundo” e “world literature”¹⁰. “Literatura do mundo”, de fato, aproxima-se da complexidade inerente ao conceito goetheano. Complexidade associada, vale a pena repetir, ao caráter prospectivo do conceito. Esta tradução permite ainda evitar duas outras simplificações comuns.

De um lado, a redução de *Weltliteratur* a um conjunto limitado de obras-primas, autêntico cânon a ser mencionado com o desinteresse que dedicamos aos “clássicos”, posto que não são mais lidos. Neste caso, a tradução usual que diz “literatura universal” corresponde ao entendimento de *Weltliteratur* concretizado nas onipresentes antologias de “obras imortais da literatura universal”. De outro lado, a ampliação de *Weltliteratur* a toda e qualquer obra cuja recepção tivesse conhecido indiscutível êxito. Em palavras diretas: independente de qualquer alquimia a que se submeta o conceito, *best-seller* algum poderia ser caracterizado como *Weltliteratur*.

Uma outra vez, a origem romântica do conceito vem à tona, pois Goethe buscava a síntese de diversos numa imagem convergente, mas com as diferenças necessariamente preservadas. “Literatura do mundo” seria o precipitado de “literaturas no mundo”. Ou seja, o modo de sentir, ou para recordar a expressão de Erich Auerbach, o modo de ver e representar a realidade estaria inexoravelmente impregnado do solo nacional. Em vocabulário de sabor romântico: o fruto mais fecundo exige um cultivo especial, capaz de concentrar sementes e adubos de procedências diversas. As múltiplas “literaturas no mundo” produziriam uma “literatura do mundo” quando uma mesma composição pudesse ser apreciada em meio ao concerto das vozes nacionais e apenas em presença destas irreduzíveis diferenças.

Esta composição, articulada em contraponto e, sobretudo, a contrapelo, responderia ao ritmo da Humanidade. O “Homem do mundo” seria o precipitado da pluralidade de “homens em seus mundos”.

Desta forma o conceito de *Weltliteratur* deve ser compreendido. Para que os “homens no mundo” descubram o solo comum que os define, o exercício da diferença é indispensável. Afinal, na presença do outro, sobretudo na aceitação desta alteridade irreduzível, os elementos comuns não poderiam senão trazer à ordem do dia o próprio “Homem do mundo”.

IV

Após uma leitura mais atenta do conceito, posso propor sua crítica. Para dizê-lo, como Auerbach o fez, a filologia do conceito.

Ao pensar o conceito de *Weltliteratur*, Goethe tinha diante dos olhos a perspectiva de um mundo configurado a partir do Congresso de Viena de 1815 e, acima de tudo, à sombra da Revolução Francesa. Em certa medida, o sentimento que seria criado pela emergência da *Weltliteratur* representaria um contraponto tanto aos excessos da Revolução quanto ao reacionarismo da Santa Aliança. De um lado, *Weltliteratur* deveria cumprir com sutileza o que os exércitos napoleônicos buscaram realizar com truculência: em lugar de baionetas impondo ideais e regimes, caberia às palavras a articulação de um diálogo supranacional¹¹. De outro lado, *Weltliteratur* ofereceria mais do que uma simples reação conservadora preconizada pelo Congresso de Viena: em lugar de um retorno anacrônico ao passado, a possibilidade de emergência do sentimento de *Humanität* expressaria uma aposta num futuro harmônico. No entanto, ao contrário da expectativa goetheana, as baionetas seguiram protagonistas do espetáculo. Como Benjamin anotaria mais de um século depois da criação do conceito de *Weltliteratur*:

*Com a Guerra Mundial começou a manifestar-se um processo que desde então não se deteve. Não se notou, no fim da guerra, que as pessoas chegavam mudas do campo de batalha – não mais ricas, mas mais pobres em experiência comunicável!*¹²

Neste contexto, a diversidade atinge um patamar no qual se dá a premissa fundadora de qualquer abordagem comparativa. *Como operar com a medida “indiferença” em relação à diferença num conflito fundado na oposição entre nações?* A diferença assume um papel cuja evidência termina por romper com toda possibilidade de estabelecer aproximações. Na Guerra

Mundial, os “homens em seus mundos” não encontraram nenhuma imagem do “Homem do mundo”; antes, eles esboçaram a sombra de um mundo sem homens. Não surpreende, pois, o princípio do ensaio programático de René Wellek: “O mundo (...) encontra-se em estado de crise permanente, pelo menos desde 1914. Os estudos literários (...) também estão divididos por conflitos metodológicos desde essa mesma época”.¹³

De uma forma ou de outra, a institucionalização dos estudos literários no século XIX ocorreu à sombra do conceito de *Weltliteratur*, segmentado nos três níveis de uma subjetividade individual, de uma especificidade nacional e, por fim, da promessa de uma esfera universal constituída pela Humanidade. O frágil equilíbrio destes níveis não pôde suportar o recrudescimento do nacionalismo oitocentista e sua explosão final durante as duas Grandes Guerras. Após o breve percurso que apresentei, acredito que a tensão do conceito de *Weltliteratur* possa ser melhor apreciada. Aliás, em sua formulação original o paradoxo já estava presente. Será suficiente recordar uma das passagens acima citadas:

*A idéia de literatura nacional perdeu importância: é chegada a hora da Weltliteratur, e todos devem auxiliar sua emergência (...) estou convencido da emergência de uma Weltliteratur, na qual um lugar de honra está reservado a nós, alemães.*¹⁴

Por definição, a emergência da *Weltliteratur* não pode privilegiar esta ou aquela nacionalidade. Ao contrário, como se afirma no princípio da frase, a própria idéia de literatura nacional assumiria um papel secundário. No entanto, é importante anotar que o paradoxo da formulação nascera com a própria articulação do conceito. Em seu ensaio, Wellek sugeriu como alternativa ao privilégio das literaturas nacionais, a pesquisa da “literariedade”. Atualmente esta proposta encontra-se ultrapassada ante novas pesquisas baseadas na hipótese de historização do conceito de literatura. Naturalmente não terei tempo para explorar este caminho, sem dúvida mais interessante do que a pesquisa de uma metaistórica “literariedade”. Procurarei apenas concluir meu argumento recorrendo ao ensaio de Erich Auerbach, “Philologie der Weltliteratur”.

Quero sublinhar a sutileza do título do ensaio de Auerbach. Maire e Edward Said o traduziram “Philology and Weltliteratur”. Trata-se evidentemente de um equívoco: a tradução adequada deveria ser “Filologia da literatura do mundo”. Para Auerbach, a tarefa do filólogo consiste em encontrar a síntese de um conceito do homem unificado em (e a partir de) sua multiplicidade. O filólogo recorre aos vestígios da presença deste “Homem do mundo”, tal como ele foi expresso na multiplicidade de obras criadas por

“homens em seus mundos”. Portanto, e principiando na superfície de textos, o filólogo reconstrói o elo perdido entre a particularidade da posição de um “homem em seu mundo” com a promessa de uma unidade sintética da Humanidade. Em outras palavras, *o filólogo situa-se a meio caminho entre o que já não é mais e o que não é ainda.*

Deste modo, o título do ensaio a um só tempo revela a refinada compreensão de Auerbach tanto da potência do conceito quanto de sua impossibilidade. No capítulo final de *Mimesis*, Auerbach intuía um processo que, em “Philologie der Weltliteratur”, encontra uma formulação inequívoca: o crescente aspecto de um mundo globalizado, impondo uma padronização em escala planetária – a imagem de um cotidiano danificado, para recordar a expressão de Adorno. Esta padronização inviabiliza o caráter prospectivo do conceito goetheano, pois, em lugar de privilegiar a multiplicidade como ponto de partida para o estabelecimento de valores universais, a padronização parte de uma noção diluída de universalidade em que diferença alguma parece possível, mesmo a diferença mais banal.

Por fim, Auerbach explicita o limite maior do conceito goetheano: sua área de estudos concentra-se nos valores da cultura ocidental, tal como a conhecemos em sua expressão européia. *Weltliteratur*, portanto, talvez merecesse uma tradução distinta. *Em lugar de “literatura do mundo”, Weltliteratur parece sugerir “literatura do mundo europeu”*. Circunstância que ilumina a agudeza da observação de Auerbach: num mundo globalizado, “a noção de *Weltliteratur*, ao mesmo tempo, conhecerá sua realização e destruição”.¹⁵

Notas

- ¹ Este texto foi apresentado no I Congresso de Literatura Comparada na Graduação, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em setembro de 1995.
- ² M.H. Abrams. *The Mirror and the Lamp. Romantic Theory and the Critical Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 1953, p. 3.
- ³ Para uma apresentação deste modelo, remeto o leitor ao texto de José Luis Jobim “A leitura e a produção textual: uma visão histórica”. In: *A poética do fundamento*. Niterói: EDUFF, 1996, pp. 13-27.
- ⁴ Joseph Texte. “Os estudos de literatura comparada no estrangeiro e na França”. In: *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. Eduardo Coutinho & Tânia Franco Carvalhal (eds.). Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 28.
- ⁵ Esta fórmula foi originalmente proposta por David Palumbo-Liu. “Termos da (in) diferença: cosmopolitismo, política cultural e o futuro dos estudos de literatura”. In: *Cadernos da Pós / UERJ*, 14, 1995, pp. 46-62.
- ⁶ Remeto o leitor interessado ao indispensável *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. Eduardo Coutinho & Tânia Franco Carvalhal (eds.). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ⁷ Estou citando a partir da edição organizada por John Gearey. *Johann Wolfgang Goethe. Essays on Art and Literature*. Princeton: Princeton University Press, 1994, pp. 224-228.

- ⁸ É preciso não esquecer que, para Goethe, o princípio de uma Weltliteratur deveria engendrar conseqüências práticas no que se refere a um convívio mais harmonioso entre as diferenças nacionais. Em outras palavras, Weltliteratur como uma antecipação, no plano artístico-intelectual, da Liga das Nações.
- ⁹ Maire & Edward Said. "Introduction". In: Erich Auerbach. "Philologie der Weltliteratur". Centennial Review, 13, 1, 1969, p. 1.
- ¹⁰ Cláudio Guillén. Entre lo uno y lo diverso. Introducción a la literatura comparada. Barcelona: Editorial Crítica, 1985, pp. 54-64, especialmente p. 57. Ellen e Ernest von Nardroff. In: John Gearey (ed.). Johann Wolfgang Goethe. Essays on Art and Literature. Princeton: Princeton University Press, 1994, pp. 224-228.
- ¹¹ Como uma matriz teórica para este tipo de estudos, recomendo: Hans Ulrich Gumbrecht. "Un souffle d'Allemagne ayant passé: Friedrich Diez, Gaston Paris and the Emergence of National Philologies". Romance Philology, 40, 1986, pp. 1-37.
- ¹² Walter Benjamin. "O Narrador". In: Walter Benjamin. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1982.
- ¹³ René Wellek. "A crise da literatura comparada". In: Literatura Comparada. Textos Fundadores. Eduardo Coutinho & Tânia Franco Carvalhal (eds.). Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 108.
- ¹⁴ Johann Wolfgang Goethe. Essays on Art and Literature. Princeton: Princeton University Press, 1994, pp. 224-228.
- ¹⁵ Erich Auerbach. "Phily and Weltliteratur". Centennial Review, 13, 1, 1969, p.3